



FUTEBOL E INFÂNCIA: FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DAS CATEGORIAS DE BASE DO SPORT CLUB INTERNACIONAL

Honor de Almeida Neto¹

Everton Rodrigo Santos²

RESUMO

Este artigo investiga o processo de formação de jovens atletas das categorias de base do Sport Club Internacional, visando a reconstituir a construção do *habitus* dessas crianças e desses adolescentes, analisando os riscos a que são expostos e a forma como reagem à pressão que caracteriza o contexto do futebol. Busca também identificar as expectativas de pais/responsáveis quanto ao futuro das crianças através da experiência nesse espaço de formação. Neste estudo de casos, realizaram-se entrevistas com uma amostra de atletas com idade entre 10 e 11 anos, compreendendo 42 atletas, nascidos em 1997 e em 1998, bem como foram entrevistados 41 pais de atletas.

Palavras-chave: Formação. Infância. Futebol. Trabalho infantil. Adultização.

ABSTRACT

This article investigates the training process on young athletes from Sport Club Internacional base soccer team, aiming to analyze these children and teenagers habits, the risk they are exposed and how they react under pressure. This article also identify parentes/ responsible ones about the children's future through experience in this training área. In this case study, interviews were held with athletes and athletes' parentes aged between ten(10) and eleven(11) years old, including 42 athletes born in 1997 and 1998 and 42 parents.

Keywords: Training. Childhood. Soccer. Child Labor. Get adult.

¹ O autor é Doutor em Serviço Social pela PUC de Porto Alegre (2004). Mestre (1999) e graduado em Ciências Sociais (1995). Atualmente é professor e pesquisador na graduação e na Pós-graduação em Ciência Política e Gestão Pública EAD, integrando o grupo de pesquisa Políticas Públicas, Redes e Sustentabilidade da ULBRA. Pesquisador com experiência na área das Ciências Humanas, com ênfase na análise de processos de formação da Criança e do Adolescente e do impacto das NTIC na qualidade das relações humanas e sociais.

² O autor é Pós-doutor em Ciência Política pela UFRGS (2013). Doutor (2005), Mestre (1996) e graduado em Ciências Sociais (1993). É consultor e avaliador da CAPES, professor e pesquisador na Feevale, atuando no Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, é ligado ao grupo de pesquisa Metropolização e Desenvolvimento Regional. Também é professor na ULBRA, nos cursos de Ciência Política e Gestão Pública EAD, onde integra o grupo de pesquisa Políticas Públicas, Redes e Sustentabilidade.



1 INTRODUÇÃO

Neste período particularmente importante que engloba a realização dos jogos da segunda Copa do Mundo no Brasil, torna-se ainda mais oportuna a discussão sobre a forma como vêm sendo formados os principais atores desse evento internacional, os atletas. Analisamos aqui alguns pontos que distinguem a forma de formar os “artistas da bola”, cuja caminhada desde o ingresso nas escolinhas de futebol amador até a profissionalização é muito árdua, extenuante e extremamente competitiva.

Na linguagem coloquial do futebol, a “bola cobra”. E cobra um preço muito alto, tendo em vista o retorno possível, real. Preço que é pago por todos os aspirantes a ídolos e pela imensa maioria que fracassa nesse sonho e seus familiares. Para vencer por essa dura estrada, há que se expender muito trabalho, dedicação, passando-se por muitas privações e, sobretudo, ter muita “sorte”. Os riscos de lesões e a enorme e crescente competitividade por um espaço nos clubes nos levam a crer que são realmente vencedores aqueles que chegam um dia a vestir a camisa de um clube profissional, e quase “heróis” aqueles que conseguem vencer nesse *métier* em um clube grande. Estima-se que apenas em torno de 1%³ consiga alcançar a profissionalização.

Este artigo discute o processo de formação de crianças e adolescentes nas categorias de base de futebol, mais especificamente no Sport Club Internacional, lócus da pesquisa que realizamos desde o ano de 2008. É importante ressaltar que analisamos a realidade de um clube de ponta, cujo trabalho de base é referência nacional e internacional e que se constitui, por isso, em um caso exemplar de sucesso e cuidado na formação e no lançamento de jovens talentos do futebol, mas que sabemos ser uma exceção no comparativo com os demais clubes formadores do país.

2 METODOLOGIA

Os dados aqui apresentados são produto de um estudo iniciado em novembro de 2008, que mapeou toda a população de atletas e profissionais das categorias de base do Sport Club Internacional⁴. Trata-se de um estudo de casos, da análise de um caso exemplar de escola de formação de atletas. Nessa primeira fase da coleta de dados, foram aplicados questionários junto às crianças e aos adolescentes atletas do clube e seus familiares, bem como a todo o corpo técnico do clube. Para isso, foram utilizadas as próprias dependências do clube, através de uma parceria com a equipe de Assistentes Sociais⁵, que disponibilizou os cadastros dos atletas e cedeu suas salas para a realização das entrevistas. As

³ Ver reportagem em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/>>. Exploração do trabalho infantil no futebol, Rio de Janeiro, 18 dezembro de 2007.

⁴ São consideradas categorias de base os grupos de atletas com idade a partir de 10 anos. Até essa idade, as crianças treinam nas escolinhas, que não têm o mesmo caráter competitivo e de formação para os profissionais, que se completa por volta dos 18 anos.

⁵ Assistentes Sociais Bernardette Mole Richard e Patrícia Bom Vasconcellos.



entrevistas foram previamente agendadas e autorizadas através do preenchimento de termos de consentimento por parte dos pais e dos responsáveis. Foram todas gravadas e transcritas. Os dados coletados referem-se a uma amostra de 42 crianças (nascidas em 97 e 98) e 41 pais/responsáveis pelos respectivos atletas. Cumpre assinalar que foram pesquisados 70% da população em tela. Além dos atletas, compõem a amostra também preparadores físicos, treinadores, fisioterapeutas, psicólogos e assistentes sociais que trabalham com as categorias de base do clube. A investigação responde ao seguinte problema de pesquisa: *como vem se constituindo o processo de formação de crianças nascidas entre 1998 e 1997 das categorias de base do Sport Club Internacional em Porto Alegre?*

3 FUTEBOL EM REDE: O MUNDO É UMA BOLA

No contexto da sociedade pós-industrial, as transformações no mundo do trabalho impulsionadas pelo advento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) modificam a dinâmica do campo esportivo⁶ e desse subcampo que é o futebol, complexificando o processo de formação dos jovens atletas. A nova visibilidade desse esporte traz um novo ritmo a esse subcampo, trazendo-lhe uma ruptura. Essa relação entre atletas, clube e empresários está cercada de uma maior vigilância e fiscalização por parte dos órgãos públicos responsáveis. Na esteira da visibilidade - uma das dimensões que distingue a Sociedade da Informação -, verifica-se uma preocupação, por exemplo, com a erradicação do trabalho infantil⁷ no âmbito do futebol, que motivou ações do Ministério do Trabalho, autuando clubes e exigindo melhorias nas instalações, sobretudo, para os jovens atletas residentes nos clubes. A apuração reúne Ministério Público do Trabalho (MPT), Ministério Público dos estados e Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Na mira dessas instituições, estão a exploração de menores de idade, sem remuneração e contrato formal, por empresários e clubes, e a privação do convívio regular com a família e do acesso adequado à educação (FURTADO, 2008).

Inúmeros aspectos associados ao processo de formação de crianças nessa atividade profissionalizante podem ser caracterizados como trabalho infantil. Exploração financeira, pressão excessiva, prejuízos físicos e formação regular (quer seja pelo ritmo de treinos e/ou mesmo pelo desinteresse pela escola), além da inversão de papéis com os pais e responsáveis, são indicadores disso. Porém, é importante ressaltar que essa é uma modalidade peculiar de trabalho infantil, pois se trata de uma atividade esportiva e da busca do sonho e do desejo de milhares de aspirantes a craques e seus familiares espalhados pelo Brasil.

⁶ O campo esportivo “pode ser construído a partir de um conjunto de indicadores, como, de um lado, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes [...] e de outro lado, o tipo de relação com corpo que ele favorece ou exige”. (BOURDIEU, 1997, p. 208).

⁷ É toda e qualquer atividade útil, executada por crianças com menos de 16 anos, com certa regularidade (média de 15 horas por semana), com salário ou remuneração e ainda que envolva situações de risco tanto no cotidiano do trabalho como também para uma formação escolar regular (ALMEIDA NETO, 2003, p. 16).



Na comparação com anos anteriores, constata-se que essa escola de formação que são as categorias de base dos clubes de futebol se modificou nos seus propósitos e na sua estruturação, tendo em vista o novo perfil de atleta hoje demandado pelo mercado e as novas disputas e interesses que distinguem hoje esse subcampo do campo esportivo que é o futebol. Impulsionado pelo processo de globalização econômica e cultural em curso, amplia-se a oferta de pés de obra⁸ e o próprio mercado de trabalho do atleta.

Associada a isso, a pressão pelos resultados e pelo bom desempenho a cada treino e a cada jogo, inerente a esportes de competição, está bem presente nessa realidade. O ambiente impõe uma tensão constante por parte dos atletas, o que é agravado pela enorme rotatividade e constante apresentação de novos concorrentes, hoje vindos de todo o Brasil e também do exterior, conforme Tabela 1.

Tabela 1 - cidade natal dos atletas

LOCAL DE NASCIMENTO	Nº RESPOSTAS	%
Porto Alegre (RS)	16	38.1
Alvorada (RS)	2	4.8
Pelotas (RS)	2	4.8
São Paulo (SP)	2	4.8
Blumenau (SC)	2	4.8
Santa Cruz do Sul (RS)	1	2.4
Viamão (RS)	1	2.4
Gravataí (RS)	1	2.4
Nova Prata (RS)	1	2.4
Montenegro (RS)	1	2.4
Santiago (RS)	1	2.4
Esteio (RS)	1	2.4
Santana do Livramento (RS)	1	2.4
Encantado (RS)	1	2.4
Igrejinha (RS)	1	2.4
Florianópolis (SC)	1	2.4
Maravilha (SC)	1	2.4
Xaxim (SC)	1	2.4
Maringá (PR)	1	2.4
Cascavel (PR)	1	2.4
Pato Branco (PR)	1	2.4

⁸ Analogia feita por DAMO (2007), na relação com a mão de obra do jogador de futebol.



LOCAL DE NASCIMENTO	Nº RESPOSTAS	%
Porto Seguro (BA)	1	2.4
Bogotá (CO)	1	2.4
Total	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998).

A tabela acima demonstra como, na comparação com anos anteriores, acirraram-se a competitividade e a dificuldade em vencer nesse *métier*. O caráter estritamente formativo, que era o principal propósito das categorias de base, deu lugar à crescente competitividade e mercantilização desse espaço, em que hoje os atletas são comercializados e rendem dinheiro ao clube desde muito cedo. Esse novo cenário vem pressionando cada vez mais a infância⁹ dessas crianças e desses adolescentes, adultizando-os¹⁰ precocemente. O ingresso desses agentes nesse universo competitivo do futebol profissional, embora represente uma possibilidade remota, porém real de materialização de um sonho infantil e de ascensão social da criança e de sua família, exige dela uma série de interações, que, por vezes, não são condizentes com sua idade cronológica, tanto mental como fisicamente. Hoje, exige-se a antecipação de etapas no desenvolvimento dos atletas para dar conta das demandas desse subcampo (futebol).

4 A BOLA COBRA: OS RISCOS FÍSICOS

Na sociedade da Terceira Revolução Industrial, a metáfora da criança como uma planta a ser cuidada, regada e que exige, portanto, proteção especial é tensionada pela metáfora do Supergaroto. Uma noção errônea sobre a capacidade e as condições das crianças em resistirem a toda e qualquer pressão (ELKIND, 2004). No caso específico dos esportes de alto desempenho, esse tensionamento está associado às concorrências interna e externa¹¹ por espaço dentro do grupo de jogadores e pela pressão por resultados. Pressão que antes era amenizada nas categorias de base por seu caráter até certo ponto amador e de fabricação de atletas para a categoria profissional e que, hoje, aumentou e é inerente a esse processo de formação¹². As inúmeras formas de pressão que recaem prematuramente sobre crianças e adolescentes no mundo do futebol invertem a lógica legal de proteção integral associada ao

⁹ A infância é análoga ao aprendizado da linguagem. Tem uma base biológica, mas não pode se concretizar a menos que um ambiente social a ative e a alimente [...] se as necessidades da cultura não a exigem, então a infância continua muda (POSTMAN, 1999, p. 158).

¹⁰ Quanto ao conceito de adultização: “Hoje o trabalho infantil pode ser traduzido por adultização, a adultização de crianças não é uma novidade na história humana, ela sempre existiu. A questão central é que ela não atinge mais somente a criança ‘pobre’, tem uma amplitude muito maior, é uma ‘epidemia’ que assola todas as camadas sociais” (ALMEIDA NETO, 2006, p. 118).

¹¹ Segundo um dos avaliadores técnicos do Sport Club Internacional, somente no ano de 2008, em torno de 11 mil jovens atletas foram avaliados pelo Internacional e, desse número, apenas 60 foram aprovados em todos os testes e se tornaram atletas do Internacional.

¹² Formação é a ação pela qual algo se forma, é produzido; é a ação de formar, de organizar, de instruir, de educar e seu resultado. E formado é aquele que recebeu uma certa forma; que foi habituado conforme tal forma ou tal feito” (MIALARET *apud* DESAULNIERS, 1997, p. 191).



ECA e criam o seguinte dilema: “Qual será a melhor forma de integrar a prática do desporto e os seus efeitos benéficos na formação e desenvolvimento do organismo infantil e juvenil: para isso a criança não deve dedicar-se à competição erigida em dogma, mas a competição deve, pelo contrário, estar adaptada à infância e às suas características específicas” (PERSONNE, 2001).

Nas palavras dos treinadores, o grande dilema que assola os clubes de ponta no Brasil é se devem “formar ganhando, ou ganhar formando”, porém o que se observa é que a competição e a exigência por vitórias estão na gênese desse processo. O *habitus* do jogador de futebol é forjado, portanto, desde tenra idade. No que tange ao conceito de *habitus*,

Os ‘sujeitos’ são, de fato, agentes que atuam e que sabem, dotados de um senso prático, de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada). O *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação... (BOURDIEU, 1997, p. 42).

O *habitus*, essa estrutura estruturada estruturante é construído através de práticas reiteradas e, embora tenda à conservação, é durável, porém não imutável. Como conceito que ilumina nosso olhar sobre essa realidade, não pode ser compreendido a não ser na relação que estabelece com o campo dentro do qual é forjado e, claro, de acordo com os capitais que estão em “jogo” nesse campo, em torno dos quais se estabelecem as disputas que distinguem os agentes, determinando sua posição no campo. Saber jogar futebol é condição para melhor disputar nesse subcampo do campo esportivo que é o futebol e, assim, ocupar uma posição mais favorável no campo. Porém, inúmeras outras habilidades e competências incidem nesse contexto e são determinantes para o sucesso do futuro atleta profissional. A tabela a seguir analisa o tempo em que as crianças estão no clube, alimentando e fomentando seu sonho de se profissionalizar.

Tabela 02 - tempo em que está no Inter?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Até 6 meses	05	11.9
De 7 a 10 meses	09	21.9
1 ano	06	14
1 ano e 6 meses	03	7
2 anos	06	14
3 anos	09	21.9
4 anos	04	9.7
TOTAL	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)



Há em torno de 46% de atletas que estão no clube há mais de 4 (quatro) anos. Esse dado é relevante se analisarmos os possíveis efeitos de dispensas de atletas na transição das categorias¹³ frente ao investimento tanto dos pais quanto das crianças, de tempo e dinheiro na busca pela realização de seu sonho maior: o de se tornar jogador profissional.

Embora haja uma constante rotatividade de atletas, sobretudo de uma temporada para outra, não há ampliação de espaço, ou seja, há sempre o limite de 30 a 35 vagas para atletas por categoria (determinada pelo ano do nascimento). É crescente a mobilidade do jogador de futebol desde a tenra idade, assim como o número de negociações (venda e troca de atletas) com o mercado nacional e internacional. O processo de globalização do mercado do futebol intensifica a concorrência e aumenta a dificuldade dos jovens atletas em se manterem no caminho sonhado que leva à profissionalização, como demonstra o depoimento a seguir.

Eu vejo muita gente aqui no Inter mesmo, que desloca da Bahia, eu acho um absurdo fazê isso, ainda mais com criança...aí vem competi com os outros aqui. Aí dizem que porque lá não tem categoria de base, tem sim, mas sei lá por que que vem... (mãe de atleta).

O mercado do futebol globalizou-se e se complexificou, pois, embora haja possibilidades de emprego no mercado internacional, boa parte dessas oportunidades é em países “futebolisticamente” periféricos ou em clubes de segunda e terceira divisões de mercados mais glamorosos. Mas, não é com essa expectativa que os meninos entram para os centros de formação. O projeto deles é um sonho e, como tal, nada modesto: a seleção brasileira, os grandes clubes brasileiros e europeus – o Inter, o Olympique Marseille (OM), etc. (DAMO, 2007).

Outro ponto a ser destacado se refere aos prejuízos físicos oriundos do ritmo de treinos e jogos, que são inerentes ao cotidiano do atleta de alto desempenho, como é o caso das crianças e dos adolescentes envolvidos no contexto do futebol profissional. A associação entre esporte e saúde, em se tratando de esportes de alto desempenho, é um mito. A capacidade da criança e do adolescente de resistir ao ritmo de treinamentos e suportar o convívio com a dor distingue os atletas, selecionando-os. Aliás, a capacidade física distingue também adultos e crianças e é um dos pontos que caracteriza a própria infância. Quando questionados sobre se já sentiram dores nos treinos e/ou nos jogos, é praticamente unânime a ideia de que, para ser atleta profissional, é preciso saber suportar e conviver constantemente com a dor:

¹³ Em torno de 30% dos atletas não ficam no clube de um ano para o outro, a rotatividade é muito grande e a competitividade, crescente.

**Tabela 3 - Jogador de futebol tem que saber conviver com a dor?**

RESPOSTAS*	Nº RESPOSTAS	%
Sim	37	88
Não	5	12
TOTAL	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Tabela 4 - Já treinou ou jogou com dor?

RESPOSTAS*	Nº RESPOSTAS	%
Sim	28	66.7
Não	14	33.3
TOTAL	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Não obstante o fato de ser o futebol um esporte extremamente violento, de contato físico e choque, o treino específico precoce deixa suas marcas. Na esteira dessa discussão, há toda uma produção teórica, aparentemente ignorada pela realidade dos clubes e dos governos sobre os riscos à saúde física das crianças e dos adolescentes. Nesse sentido, o francês Jaques Personne (2001) fez uma exposição completa dos danos causados pelo treino intensivo precoce. Para ele, o desporto pode se mostrar a melhor ou a pior das coisas, em função das condições como sua prática é conduzida. De fato, como argumenta o autor, praticado em excesso e sem um método, pode revelar-se prejudicial ao organismo, causando-lhe danos em alguns casos para toda a vida das crianças.

É preciso levar em conta que os efeitos e os riscos do excesso de carga de trabalho físico nas crianças são diferentes em relação aos adultos, pois as estruturas são, na tenra idade, de uma particular fragilidade aos pesos mecânicos. Isso resulta da imaturidade, que os torna muito sensíveis ao excesso de treino e aos microtraumatismos. Nesse sentido, impõe-se esse esclarecimento sobre os riscos de um treino desportivo muito intensivo e muito precoce, para que se possa tentar reduzir ao mínimo a sua aplicação. Porém, trata-se quase de uma utopia, muito distante da realidade e do pensamento de dirigentes e treinadores (PERSONNE, 2001).

Essa discussão é extremamente relevante quando nos deparamos com um cenário “selvagem” de garimpo de jovens atletas, jovens craques, fenômenos potenciais e os interesses de clubes, federações, pais e, sobretudo, de ávidos “empresários”. Podemos então questionar se não será criminoso aceitar o risco de destruir a saúde de inumeráveis crianças e adolescentes para descobrir o indivíduo super, cujo organismo se demonstrará, aliás, profunda e definitivamente arruinado depois de alguns anos



de procura do melhor resultado a todo o preço. E ainda, em condições muito ambíguas em que se misturam vaidade e glória, nacionalismo excessivo, chauvinismo, política no mau sentido da palavra e, algumas vezes, considerações financeiras especialmente impuras. (PERSONNE, 2001).

Quando questionados a respeito de lesões, chama a atenção o alto índice, sobretudo, por tratarmos aqui de crianças com 10 e 11 anos de idade.

Tabela 5 – Já sofreu alguma lesão?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Sim	17	73.9
*Não	06	26.8
Total	23	100.7

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Justifica-se, assim, que pesquisemos o tema e que possamos agir no sentido de chamar a atenção para esses riscos, pois

Atrás da trama simbólica que faz parte do poder de sedução da profissão de jogador, existe um processo altamente competitivo, exigindo aproximadamente 5.000 horas de investimentos num período de dez anos, e que envolvem rotinas cansativas e monótonas... Trata-se de uma tecnologia aplicada diretamente no **corpo**, que se constrói ao longo do processo de espetacularização do futebol e visa converter jovens talentosos em profissionais capazes de mostrar um desempenho à altura das exigências dos torcedores... (DAMO, 2007, p. 18). [grifo dos autores].

Para além dos riscos à saúde física, há que se analisar o preço cobrado pelo risco inerente do fracasso, da frustração familiar e, sobretudo, individual.

5 FUTEBOL É PRESSÃO: OS RISCOS EMOCIONAIS

Dentre os inúmeros aspectos que distinguem o futuro jogador profissional, como a necessária predisposição técnica (saber jogar) e física (suportar o ritmo de treinos e jogos), talvez o principal ponto se refira à sua capacidade de resistir à pressão. Suportar a pressão fará a diferença entre tornar-se profissional ou ficar apenas no desejo ou na promessa de craque. Na linguagem dos jogadores, no futebol é preciso “matar um leão por dia” e, frente a essa realidade, os jovens atletas mostram-se conscientes e resignados, considerando-a natural no processo de formação do jogador de futebol profissional.



Tabela 6 – Como reage à pressão?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Não tem pressão	02	4.8
Normal / Fica tranquilo	23	54.8
Normal, mas às vezes chateia	02	4.8
Procura melhorar cada vez mais	05	11.9
Se estressa / Briga em casa	01	2.4
Fica nervoso	08	19
Procura esquecer	01	2.4
TOTAL	42	100.1

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

O desejo de sucesso na futura carreira está intimamente ligado ao desejo da família. É comum observar a frustração dos pais por não terem conseguido vencer quando adolescentes no futebol e a forma como transferem essa responsabilidade aos seus filhos. A pressão, portanto, se dá, sobretudo e em primeiro lugar, pela família. Apenas um atleta trouxe o fato de que sua família não apoiava sua ideia e seu sonho de ser jogador de futebol.

Tabela 07- Quem mais te incentiva a ser jogador de futebol?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	FREQUÊNCIA %
Pai	17	40.4
Pai e mãe	06	14.3
Pai, mãe e irmãos	07	16.3
Mãe	03	7.1
Toda a família	03	7.1
Avós e dindo	02	4.8
Pai e irmãos	01	2.4
Pai e avô	01	2.4
Mãe e avós	01	2.4
Ninguém	01	2.4
TOTAL	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Vê-se, pelos dados acima, que os pais são os maiores incentivadores das crianças, o que, evidentemente, não exclui o desejo delas, embora influenciem nas suas escolhas e nos seus sonhos.



Os dados a seguir apresentados referem-se a respostas dadas pelos responsáveis pelas crianças, corroboram esse desejo e explicam o porquê desse investimento, o que em muitos casos requer a reorganização de toda a estrutura familiar.

Tabela 08- Expectativa quanto ao futuro do menino no futebol profissional?

RESPOSTAS*	Nº RESPOSTAS	FREQUÊNCIA%
Que seja um bom profissional	11	18
Que se realize seu sonho	08	13.1
Melhores possíveis	06	9.8
Que seja uma grande pessoa/cidadão	04	6.5
Que vença como jogador	04	6.5
Não tenho grandes expectativas	04	6.5
Que seja um grande jogador (atleta)	03	4.9
Hoje é uma diversão	03	4.9
Priorizamos o estudo	03	4.9
Que não decepcione e vá longe na carreira	02	3.3
Que seja feliz	02	3.3
Ele está aqui porque ele gosta	02	3.3
Estar sempre do lado dele, incentivar	02	3.3
O futuro dele vem de berço, o guri é bom de bola	01	1.6
Que não se decepcione no futuro	01	1.6
Que tenha boas lembranças desse momento	01	1.6
Depende da oportunidade que tiver	01	1.6
Não sabe, não respondeu	03	4.9
TOTAL	61	100

* Alguns pais deram mais de uma resposta

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Algumas das respostas acima chamam a atenção e ilustram os aspectos que queremos destacar. Quando um pai responde que o “o guri é bom de bola”, deve-se levar em conta que, via de regra, todos os meninos que compõem esse seleto grupo de 30 atletas de cada seleção (por faixa etária) são diferenciados. Ou seja, não se chega a esse grupo sem ter grande capacidade técnica. Porém, essa oportunidade, que efetivamente requer investimento e dedicação prematura, representa também uma chance, mesmo que remota, de ascensão social. Daí todo o investimento feito e os sacrifícios a que todos se sujeitam. Apenas um atleta relatou que sua família não apoiava sua ideia e seu sonho de ser jogador de futebol. Via de regra, a família aposta e acredita no futuro profissional dos jovens



atletas, sentimento esse que certamente se reflete na criança e tende a deixar marcas, caso haja uma frustração dessa expectativa no futuro.

Tabela 09- Acredita que ele vence como jogador?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	FREQUÊNCIA %
Sim	32	78.1
Depende	09	21.9
Não	0	0
TOTAL	41	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

A tabela a seguir ilustra a ideia de que há todo um investimento voltado ao sucesso das crianças no esporte. Há uma migração das famílias para apoiar a futura carreira de seus filhos como atletas e, por vezes, toda a organização familiar se dá em função desse empreendimento, conforme a tabela 11.

Tabela 10- Local de moradia

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	FREQUÊNCIA %
Porto Alegre (RS)	26	63.1
Viamão (RS)	02	4.8
São Leopoldo (RS)	02	4.8
Taquara (RS)	01	2.4
Gravataí (RS)	01	2.4
Alvorada (RS)	01	2.4
Santa Cruz (RS)	01	2.4
Veranópolis (RS)	01	2.4
Passo Fundo (RS)	01	2.4
Encantado (RS)	01	2.4
Vale Real (RS)	01	2.4
Santo Antônio da Patrulha (RS)	01	2.4
Camboriú (SC)	01	2.4
Maravilha (SC)	01	2.4
TOTAL	41	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)



Chama atenção também a prática de alguns empresários que, donos de imóveis, disponibilizam os apartamentos para a moradia de alguns atletas (crianças e adolescentes). Estes são “cuidados” pelos responsáveis, que revezam o tempo de estada nesses imóveis junto às crianças.

Nas duas próximas tabelas, os dados demonstram como essas crianças já sentem o peso da responsabilidade de terem que ajudar sua família, principalmente em retribuição ao apoio e ao investimento.

Tabela 11- É importante ajudar os pais financeiramente?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	FREQUÊNCIA %
Sim	38	90.4
Não	04	9.5
TOTAL	42	99.9

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Essa pressão tensiona a infância, trazendo responsabilidade e um peso que, via de regra, criança alguma tem condições de suportar. Essa é uma das dimensões que distinguem essa atividade e a associa com o que conhecemos como trabalho infantil, conforme ilustra o relato a seguir:

Quero ajudar muito, porque quando nós era criança, eles investiram muito, ajudaram nós, incentivaram... Às vezes eu me acho criança outras não... Jogar futebol já é coisa de meio adulto assim, porque tipo assim às vezes tu te machuca... essas coisas... (atleta 10 anos).

Chama atenção neste relato que o menino se refere à infância como algo do passado, quando, na verdade, na ocasião da entrevista, tinha apenas 10 anos de idade¹⁴.

Quando questionados sobre esse desejo de retribuir ao investimento da família em sua carreira, as respostas foram as seguintes.

Tabela 12 - Por que é importante as crianças ajudarem os pais financeiramente?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Somente após os 18 anos	02	4.4
Depende, se a família for correta	01	2.2
Recompensa a ajuda que receberam quando criança / Retribuir o esforço/apoio	26	57.8
Porque os pais têm dificuldades / para não trabalharem sozinhos	03	6.7

¹⁴ Como forma de atualização dos dados, temos revisitado o clube e constatamos que esse atleta, já em 2009, não integrava mais o grupo de atletas. É sintomática a dispensa do atleta na relação com sua fala, pois é na dor, no sofrimento e na capacidade de resistir à pressão (em todas suas formas) que são forçados os jogadores profissionais.



RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Quando necessário / Se não têm condições	09	20
Para que eles aproveitem a vida	01	2.2
Não respondeu	03	6.7
TOTAL	45	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

De uma maneira geral, a família aposta e acredita no futuro profissional dos jovens, sentimento esse que se reflete na criança e tende a deixar marcas caso haja uma frustração dessa expectativa no futuro. Porém, na visão dos responsáveis, essa pressão não significa nenhum tipo de prejuízo ao processo de formação das crianças, ao contrário. Muitos consideram positiva essa tensão e essa responsabilidade, tendo em vista que, na visão desses pais, prepara-os para o mundo competitivo em que vivem e que enfrentarão quando adultos. Quando questionados sobre esse fato, as respostas foram as seguintes.

Tabela 13- A pressão é benéfica ao seu filho?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Sim	33	80.5
Às vezes	02	4.8
Não	04	9.7
Não tem pressão, não sabe	02	4.8
TOTAL	41	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Analisando os dados da tabela 14, pudemos compreender algo que sempre nos intrigou. Como os jogadores conseguem suportar a pressão de serem vistos por milhares de pessoas, em uma atividade (um jogo) cujos riscos do fracasso são enormes e suas consequências (por tratarmos de paixões e fanatismos) são também enormes e, por vezes, definitivas para as suas carreiras? Talvez a resposta esteja na própria fala dos treinadores e das pessoas envolvidas, quando apontam que “*é preciso ter o brilho no olho*”, ter “*a faca entre os dentes*” e, simplesmente, saber que esse esporte (e, imaginamos nós, todos os esportes de alto desempenho) não é para todos, mas sim para um seleto grupo de resistentes.

6 O FUTEBOL E A FORMAÇÃO ESCOLAR

Na relação que os jovens e seus familiares estabelecem com o contexto escolar, percebe-se como o futebol é prioridade na vida dessas crianças, o que faz com que, por exemplo, busquem adaptar os



horários da escola em função dos dias e dos horários dos treinos. Para entendermos melhor os dados a seguir, devemos levar em conta que, para essa faixa etária (entre 10 e 11 anos), há o compromisso dos treinamentos em pelo menos três dias por semana, realizados no turno inverso ao da escola e ocupando toda a tarde, das 14h às 17h30min. E, há ainda os dias de jogos, muitos deles realizados aos finais de semana, conforme a tabela 14.

Tabela 14- Período em que frequenta a escola

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	FREQUÊNCIA %
Manhã	40	95.2
Tarde	02	4.8
TOTAL	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Muitas crianças acabam se transferindo de escola por virem de outras cidades, ou por buscarem adaptar o local da escola à proximidade do clube onde treinam. Em alguns casos, trocam a matrícula em colégios públicos de qualidade, sobretudo no interior do estado do Rio Grande do Sul, por escolas de baixa qualidade na capital. Essa decisão, por vezes, depende do tipo de negociação que os pais estabelecem com os empresários, cujos contratos das crianças são firmados desde cedo. Assim, vai depender do interesse dos pais essa escolha, pois, às vezes, estes preferem receber um valor maior em dinheiro por mês em detrimento da matrícula em uma escola particular, por exemplo. A rotatividade de escolas é demonstrada a seguir, na tabela 15.

Tabela 15 - Já trocou de colégio?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Sim	25	59.5
Não	17	40.5
TOTAL	42	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Quando questionados sobre a importância da escola para a sua futura carreira, as crianças apontam a relação entre o aprendizado formal e aquilo que precisarão para vencerem como jogadores, como é demonstrado a seguir nas tabelas 16 e 17.

**Tabela 16- O que aprende na escola é importante para a carreira de jogador de futebol?**

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Sim	41	100
Não	00	00
TOTAL	41	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Tabela 17- Como a escola auxilia na carreira?

RESPOSTAS	Nº RESPOSTAS	%
Para saber conceder entrevistas	24	28.9
Para saber lidar com o dinheiro/nºs	16	19.3
Para ser educado e disciplinado	10	12
Para ser esperto/inteligente	07	8.4
Para aprender outras línguas	12	14.4
A ser humilde	02	2.4
Ensina a se relacionar	04	4.8
A não pensar só em dinheiro	01	1.2
A ter raciocínio rápido, dentro de campo	02	2.4
Para conhecer outras culturas	01	1.2
É uma exigência do clube	01	1.2
Poder ter outra profissão se não for jogador	02	2.4
Saber sobre o corpo	01	1.2
TOTAL	83	100

Fonte: Projeto de Pesquisa O preço da bola (ULBRA, 1998)

Vê-se que é a escola que está a serviço do futebol e é possível visualizar as novas exigências demandadas ao futuro jogador profissional, muito além do que apenas saber jogar futebol.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito especificamente a esse subcampo do campo esportivo que é o futebol, é preciso ressaltar que, associadas à importância da capacitação técnica e física, ou seja, da predisposição da criança e do adolescente à prática futebolística (saber jogar), há a cada dia novas demandas ao processo de formação de atletas de alto desempenho. Hoje se requer um conjunto de novas habilidades com vistas



a uma formação integral do atleta, como flexibilidade, autonomia, capacidade de trabalhar em grupo, postura proativa, controle emocional, entre outras, que não se instauram apenas com treinamentos técnicos, mas estão relacionadas com o desenvolvimento pessoal da criança e do adolescente. Nesse sentido, foi possível observar também o zelo do clube em relação a alguns aspectos da formação das crianças. O trabalho do Serviço Social dentro das categorias de base efetivamente valoriza e fiscaliza a presença das crianças na escola, o que é condição para que participem dos times e disputem os torneios. Essa preocupação tem relação com todo o movimento hoje observado de maior cuidado com a infância, associada aos avanços legais e à preocupação do clube com sua imagem e sua política de responsabilidade social.

Porém, essas iniciativas não excluem a pressão excessiva à infância que caracteriza essa prática esportiva e, de resto, todo o esporte de competição voltado ao alto desempenho. Embora se constitua em uma oportunidade de mobilidade social, o universo que envolve o mundo do futebol tem sido extremamente cruel com a criança e com o adolescente. Não obstante todas as características e as exigências demandadas ao atleta profissional e, mais especificamente ao atleta de um esporte competitivo e popular como o futebol, é possível humanizar esse espaço de formação. Não se trata de desconhecer a dinâmica que caracteriza o campo esportivo, de abordar de maneira ingênua a forma talvez necessariamente rude como são forjados os “vencedores”, aqueles que se tornam profissionais, por exemplo. Mas trata-se, sim, de levar em conta em que medida os interesses do campo político e do campo econômico, sobretudo, podem convergir para uma qualificação desse espaço de formação de cidadãos que é o campo esportivo e, mais especificamente, as categorias de base de um clube de futebol. É nesse contexto que há hoje a possibilidade concreta de aprimorar essa escola de formação que são os clubes de futebol, através da realização de pesquisas (diagnósticos) e de projetos de intervenção junto a esses agentes. A pesquisa, ao realizar um diagnóstico dessa realidade e dessa demanda social emergente, pode subsidiar projetos de extensão voltados às famílias de atletas, a funcionários dos clubes e, claro, às próprias crianças e aos adolescentes envolvidos nessa realidade, trazendo à tona o preço a ser pago pela busca do sonho de se tornar atleta de futebol.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Honor de. **Trabalho Infantil na Terceira Revolução Industrial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. E-book disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs>>. 244 pp.

_____. **Trabalho Infantil: formação da criança jornaleira de Porto Alegre**. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. 296 pp.



BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1997a. 231pp.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: HUCITEC, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 pp.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. Formação e pesquisa: condições e resultados. **Veritas**, Porto Alegre, Edipucrs, v. 42, n. 2, p.183-204, jun. 1997.

FURTADO, Bernardino. **Jogo sujo na mira**. Disponível em: <<http://brasilcontraapedofilia.0freehosting.com/2008/02/21/jogo-sujo-na-mira/>>. Acesso em: 16 set. 2008.

ELKIND, David. **Sem Tempo de ser Criança**: a Infância Estressada. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

PERSONNE, Jacques. **Nenhuma medalha vale a saúde de uma criança**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.